

Coração Negro

CRÔNICAS TEMPLÁRIAS
VOLUME II

ALEX BITTEN

1ª Edição



INTRÉPIDA

São Paulo
2020

Coração Negro

Crônicas Templárias – Volume II

de Alex Bitten

Editor

Eldes Saullo

Revisão

Alexandre Bittencourt, Triza Marsallo e Pedro Correa

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

Ficha Catalográfica

B624

Bitten, Alex

Coração Negro - Crônicas Templárias - Volume II. São Paulo: Intrépida, 2019. 364 p.

ISBN 978-65-00-03163-8

1. Ficção 2. Ficção Brasileira. I Título

CDD B869.3

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Para o menino que vive dentro de um homem,
que em algum momento da vida sonhou ser um cavaleiro,
cavalgando um corcel negro, portando espada e escudo.

Castelo Templário

França - 06 de agosto de 1310

O vulto aproximou-se da pesada porta de carvalho, trazendo uma tocha na mão direita. Ao aproximar a chama da fechadura, soltou um grunhido, na esperança de afastar os demônios que imaginou nas sombras projetadas nas paredes e que sempre acreditou que o acompanhavam.

A fechadura emitiu alguns estalos após a chave girar as engrenagens enferrujadas, e o homem, apesar de seu tamanho e peso, teve de fazer muita força para abri-la. A porta de carvalho rangeu como um grande animal ferido e se abriu devagar, lutando contra a força do homem que a empurrava com dificuldade. Ele colocou a tocha próxima a seus olhos para enxergar melhor a escuridão à sua frente e iluminou os degraus que teria de descer. Fechou a porta e girou a chave, agora pelo lado de dentro, e guardou-a na bolsa de couro surrada que trazia consigo. Sabia que os nobres chegariam em breve, então precisava ser rápido se quisesse fazer o que desejava. Desceu os degraus com cuidado, porque seu tamanho não ajudava a se movimentar com facilidade e o efeito das várias canecas de cerveja que havia bebido na noite anterior ainda deixava sua mente turva, e apesar de não admitir, tinha receio de tropeçar e cair.

À medida que ia descendo os degraus com cuidado, o cheiro de mofo misturado ao de urina e fezes aumentava, mas ele já estava acostumado e havia aprendido a gostar daquele odor, e a cada passo sentia-se mais poderoso. Já estivera no comando de outras masmorras — aquela era a maior delas, e para ele havia algo especial, quase divino, por ter recebido

aquela nomeação. Estava há apenas três anos naquele lugar, mas era como se fosse sua casa. A escadaria tinha os degraus incrustados na parede e, a cada vinte metros, dava em um andar com várias portas, com pequenas aberturas em meia lua a uma altura de um metro e cinquenta do chão, bloqueadas por barras de ferro enferrujadas. Ratos guincharam com a aproximação da luz. Chutou um deles, que veio em sua direção para morder uma de suas botas enlameadas. O animal soltou um grito agudo e, junto com todos os outros, buscou proteção na escuridão, enquanto o homem, devagar e com dificuldade, descia o próximo lance de escadas.

Goulard Dubois gostava do que fazia e detestava deixar aquele local, mas hoje pela manhã não teve escolha. Não se recusava um convite daqueles homens e por isso vestira sua melhor roupa — calça de linho surrado, camisa amarela desbotada, coberta por um gibão de couro marrom manchado de gordura e uma capa verde de veludo com alguns rasgos costurados grosseiramente e bastante gasta pelo tempo. Ele podia comprar roupas melhores, mas não ligava para isso porque não precisava delas para o cargo que exercia.

Parou diante de uma porta, fez uma rápida análise e concluiu que ainda tinha algum tempo. Pegou o molho de chaves que trazia na cintura e, com ajuda da claridade da tocha, escolheu uma. Abriu a porta e entrou na cela. Havia um pouco de palha em um canto e uma tigela de comida vazia, e no outro lado da cela havia um balde cheio de dejetos humanos.

— Levante-se — disse com a voz que parecia um grunhido. — Eu trago boas notícias.

A jovem magra, alta e de cabelos loiros desgrenhados que estava no outro lado junto à palha levantou-se com dificuldade. Ele se aproximou e colocou a tocha próxima do rosto da jovem para admirar a sua beleza.

— Por favor, não me machuque mais — disse a jovem, colocando as mãos sujas no rosto para se proteger.

— Olhe para mim.

Ela baixou as mãos devagar, e ele segurou firme o seu queixo, afastando os cabelos com violência e aproximando a tocha um pouco mais. Contemplou a pele do rosto clara e delicada, com sardas que cobriam suas bochechas sujas. Os olhos eram azuis como o céu claro nas primeiras horas de uma manhã de primavera. Moveu as chamas para baixo e percebeu que suas roupas não eram mais do que trapos de linho, sujos de lama, fezes e urina.

— Não vou machucá-la. Diga-me, você se alimentou?

Seu corpo tremia de pavor diante do homem, mas a jovem respondeu.

— Sim.

Ele caminhou ao seu redor, a tocha iluminando as paredes, projetando figuras dos demônios que o acompanhavam. Dubois ficou admirando a bela jovem indefesa e se perguntou de onde vinha o poder das mulheres que enlouqueciam os homens. Tinha consciência de que era ignorante, que sua compreensão era limitada para refletir sobre assuntos mais profundos e concluiu que aquele tipo de reflexão não lhe dizia respeito. Afinal, cada um trabalha com as suas habilidades, e ele não era um homem sábio. Era responsável por fazer os condenados confessarem seus pecados, e cada vez que olhava para aquela jovem, tinha a convicção de que sua beleza era seu grande pecado. Um pecado que a inquisição afirmava ser causado por bruxaria, usada para enfeitiçar os homens e levá-los à destruição. Dubois era encarregado de descobrir esses feitiços, arrancar confissões e fazer justiça. Era um mestre na arte da tortura e sabia que bastavam alguns minutos usando seus instrumentos para a jovem confessar que sua beleza provinha de algum feitiço, uma bruxaria conjurada para enlouquecer os homens. Ele se considerava um guerreiro sagrado lutando contra esse tipo de mal, mas tudo tinha seu tempo, e por isso o encontro da jovem com seus instrumentos podia esperar.

— Eu trago notícias do tribunal — disse aproximando o rosto da jovem sem demonstrar qualquer emoção, mas percebendo seus olhos se encherem de esperança.

— Sim, meu senhor.

Dubois abriu a boca e sorriu, e a jovem viu seus dentes podres e amarelos. O mau hálito preencheu suas narinas, causando ânsia de vômito. Aquela jovem pertencia a uma nobre família da cidade de Poitiers e tinha sido tratada com educação e respeito, obtendo tudo que desejava. Naquela masmorra, em meio à escuridão e com os demônios que o acompanhavam, poderia ser duas coisas: um anjo protetor ou seu algoz — mas ficou com raiva ao se lembrar de sua aparência e concluiu que jamais seria a primeira opção, e ficou satisfeito ao concluir que era a segunda.

Dubois decidiria se a bela jovem teria uma morte rápida ou lenta, mas não tinha pressa em resolver o que faria. Porém já tinha uma certeza, ambas seriam dolorosas, porque gostava de ver o sofrimento no rosto das pessoas. Desde criança gostava de aprisionar pequenos animais e torturá-los, e acreditava que recebera uma espécie de dom, era um enviado de Deus para salvar o mundo do pecado.

— O tribunal está estudando seu caso e você será libertada.

Os olhos da jovem se encheram de lágrimas e ela mal pôde conter os tremores em seu corpo.

— Oh, meu senhor! Que boa notícia! — respondeu Isabelle. — Rezo todos os dias para que esse pesadelo termine.

— Se o tribunal tiver clemência, sua penitência terminará em breve — respondeu contrariado com a afirmação da jovem, porque a tortura que Isabelle sofria era o seu trabalho, e Dubois acreditava que a bela jovem devia compreender que sua beleza era um grande pecado. Por isso, estar naquele calabouço, passar pelas provações, seria um ato purificador para salvar sua alma.

— O senhor tem notícias de meus pais? — A doce voz de Isabelle o trouxe de volta à realidade.

— Eles deixaram a prisão esta tarde — respondeu Dubois, e de fato era verdade. Após serem torturados durante semanas, seus corpos haviam sido levados numa carroça para ser enterrados em uma vala na saída da cidade, a mesma utilizada para indigentes e criminosos. — Os inquisidores não encontraram provas sobre as acusações feitas contra sua família, e o confisco de suas propriedades será cancelado.

Dubois sabia que assim que a jovem herdeira morresse, as terras e as propriedades de sua família seriam divididas pelos membros do tribunal e pelo Inquisidor Mor da cidade de Poitiers.

— Como Nosso Senhor é bom! — disse a moça juntando as mãos. — Que notícia maravilhosa! Eu sabia que minhas orações seriam atendidas, e que em breve eu estarei com meus pais.

Lágrimas de alegria e esperança escorriam pela face, desenhando dois pequenos riscos brilhantes refletidos pelas chamas sobre a sujeira que se acumulava sobre seu rosto.

— Mas antes de deixar este lugar, existe algo que você precisa fazer, Isabelle.

— Sim, meu senhor, o que estiver ao meu alcance! — respondeu prontamente, passando as mãos sujas no rosto para enxugar as lágrimas.

Ele acariciou sua face.

— Você precisa fazer algo que irá me agradar muito. Neste local, Isabelle, me foi concedido o poder quase divino da vida e da morte. Uma grande responsabilidade, um grande fardo que carrego em minhas costas, você compreende?

Dubois não costumava falar assim, mas já tinha visto os Inquisidores falarem sobre responsabilidade e o grande fardo que carregavam, e as jovens prisioneiras costumavam acreditar — ou fingiam muito bem.

— Sim, meu senhor, eu sei — disse a jovem com um tremor na voz, já antecipando onde a conversa terminaria.

— Você sabe que, ao sair daqui, não poderá jamais relatar o que aconteceu entre nós, as coisas que você teve que fazer para me agradar com seu corpo marcado pelo pecado.

Mais uma vez os olhos da jovem se encheram de lágrimas, mas não foram lágrimas de alegria, e ela baixou a cabeça resignada.

— Sim, meu senhor.

— Você deve jurar, Isabelle, porque Nosso Senhor está vendo, e tudo o que eu fiz foi para provar que seu corpo, sua beleza, é fruto do pecado — É fez o sinal da cruz com o máximo de reverência que consegui. — Sua beleza não é normal, é uma aberração da natureza, porque uma beleza assim não pode ser natural. Se Deus assim desejasse, todos os homens e mulheres seriam belos como você. Você, Isabelle, com a beleza esculpida em seu rosto e seu corpo esguio como uma serpente, pode enlouquecer os homens, pode tirá-los do caminho da fé verdadeira.

— Sim, meu senhor — concordou com tremores pelo corpo.

— Homens, como eu, precisam realizar sua purificação até o dia de sua liberdade, e é com muito sofrimento em meu coração que afirmo que preciso continuar sua punição. A punição que trará de volta a pureza em seu coração e dignidade perante Deus. É preciso combater a luxúria que está em seu corpo, e isso somente será possível com obediência total e irrestrita às minhas ordens.

Dubois não sabia ler e era um homem inculto, e o pequeno discurso que acabava de fazer, tinha-o decorado com muita dificuldade, nas tantas vezes ouvidas do inquisidor pronunciá-lo para jovens acusadas pela inquisição. Uma mancha no braço, um comentário vulgar ou exagerado, criar um gato e até mesmo fazer chás medicinais. Nenhum desses era o caso de Isabelle, que estava aprisionada porque seus pais tinham terras que o Inquisidor de Poitiers ambicionava.

Ele colocou a mão na fivela da cinta, a puxou com força e em seguida soltou com avidez os botões da calça.

— Ajoelhe-se, Isabelle, e faça sua penitência.

Por um momento, a jovem ficou inerte. As lágrimas pingaram de seu rosto sobre o piso imundo. Isabelle achava que o pesadelo tinha chegado ao fim, mas estava enganada — ela teria que se submeter ainda mais aos

desejos carnais daquele homem repugnante. Encheu seu coração de resignação, caiu de joelhos e puxou as calças, enquanto Dubois aproximava a tocha para poder enxergar melhor.

As sombras se mexeram nas paredes, criando demônios alados, que pareciam sorrir ao que estavam assistindo.

Goulard Dubois trancou a porta da cela de Isabelle satisfeito, seguiu em frente e desceu mais um lance de escadas. Chegou ao último pavimento do calabouço e colocou a tocha em um suporte. Havia seis tochas acesas, e junto de cada uma estava um de seus homens. Ele olhou para eles e acenou com a cabeça. Observou os instrumentos de tortura que estavam instalados naquele local e reconheceu o berço de Judas, um banco com um metro de altura que terminava em uma pirâmide pontiaguda de metal. O prisioneiro era amarrado nu por cordas presas em suporte de madeira logo acima desse banco e era baixado vagarosamente. Os ferimentos nas partes íntimas o deixavam alucinado de dor. Em seguida, Dubois distinguiu uma trave de madeira e sorriu ao lembrar quantos prisioneiros já havia torturado usando aquele instrumento. O indivíduo era amarrado nu, de pernas abertas e de cabeça para baixo e dois dos seus homens o serravam ao meio. As dores e os gritos eram brutais, e o prisioneiro só morria quando a serra atingia o ventre. Em alguns casos, Dubois mandava parar e ficava assistindo a suas vítimas se esvaírem em sangue. Mais para o lado direito, encostada à parede, estava a Dama de Ferro, uma espécie de sarcófago de madeira com pregos colocados em locais não vitais. O prisioneiro era colocado no seu interior, e então a tampa era fechada devagar. Havia uma abertura perto do rosto, para poder interrogar a vítima, e alguns buracos para enfiar facas ou objetos pontiagudos, como pregos e estacas de madeira. Um pouco mais à direita, quase escondido na escuridão, ficava o *rack*, uma espécie de cama com roletes nas extremidades. O prisioneiro era amarrado pelos membros superiores e inferiores a roletes, e seus homens utilizavam uma alavanca com uma engrenagem para enrolar as cordas até que as articulações se deslocassem. Na semana anterior, um de seus homens torturou uma mulher rápido demais e arrancou um de seus braços. Dubois ficou furioso, não por causa do que havia acontecido, mas por ter sido rápido demais. Vinte e cinco chicotadas tinha sido a punição, porque seus homens deviam ser reconhecidos como mestres na arte da

tortura, e para ele, aquele acontecimento tinha sido amador. Distinguiu outro instrumento, colocado sobre uma pesada mesa de ferro. Era o triturador de cabeças, um tipo de morsa onde a cabeça do prisioneiro era colocada — na parte superior havia uma alavanca que, ao girar, fazia descer o capacete de metal, pressionando a parte de cima do crânio para uma base de ferro. Ao lado havia um prato, para aparar os olhos que saltavam devido à pressão.

Dubois aproximou-se de uma mesa e olhou para os instrumentos sobre ela. Pegou o arrancador de seios, um tipo de gancho que era colocado em uma fornalha e depois utilizado conforme seu próprio nome já sugeria.

Havia vários outros instrumentos, ganchos, pinças, torqueses e pregos.

Sorriu maliciosamente, imaginando qual deles usaria em Isabelle.

Nenhum dos instrumentos estava sendo utilizado naquele momento, por isso a masmorra estava quase silenciosa. Havia apenas um prisioneiro amarrado junto a uma parede e um de seus homens estava usando um chicote, que chiava no ar úmido e atingia suas costas sem piedade, fazendo-o soltar leves grunhidos, resistindo à vontade de gritar, comportamento que Dubois admirava em alguns prisioneiros. Ele se aproximou, e as chamas das tochas mostravam que suas costas estavam cheias de feridas, algumas já cicatrizadas, mas havia várias listras recentes de sangue, e o líquido vermelho escuro descia pelas costas, manchava a calça rota e imunda e pingava no chão de pedra. Ele segurou os cabelos compridos do homem e o puxou para trás.

— Em breve eles me autorizarão a usar outros dos meus brinquedos em sua carcaça imunda.

O prisioneiro apenas emitiu um grunhido.

— Conde Marcell, vou revelar uma notícia que tinha me esquecido de lhe dizer: descobrimos a localização de sua família. Em breve colocaremos nossas mãos sobre eles, e assim que for possível, trarei sua esposa promíscua e seu filho bastardo para participar da nossa agradável reunião.

Dubois sabia pouco sobre o prisioneiro chamado conde Marcell. Era responsável pelas defesas da cidade de La Rochelle, e estava na torre que protegia o cais do porto junto com Guilherme Nogaret, o poderoso chanceler do rei Filipe, para impedir a fuga da Frota Templária. Segundo os boatos, um experiente grupo de cavaleiros havia atacado os templários no cais, e após duro combate, foram exterminados por uma luz azul

produzida pelos templários. A poderosa magia matou e dissolveu todos os cavaleiros no cais. Com medo de que os templários liberassem sua poderosa magia na cidade, o conde Marcell ordenou que seus homens permitissem que a Frota Templária escapasse. Guilherme de Nogaret ficara furioso, porque desejava capturar os navios, seu tesouro e seus misteriosos segredos. Havia falhado e colocara a culpa da fuga da Frota Templária no conde Marcell.

O conde acreditou que seu título iria protegê-lo, mas havia subestimado o poder do chanceler e agora era tarde demais para se arrepender. Nem mesmo um conde, uma das figuras mais importantes na corte, havia escapado da fúria de Guilherme de Nogaret. Para Dubois, ele havia sido um tolo. Se a Ordem militar mais poderosa do mundo havia sido perseguida e presa, como um conde poderia ter imaginado escapar? Tinha anuência do rei Filipe, que chamavam de “*O Belo*”. Dubois nunca tinha visto o rei, mas acreditava que, por sua alcunha, devia ser um homem bonito.

O comandante da masmorra acenou com a cabeça, e seu subordinado rodou o chicote com mestria, atingindo as costas do prisioneiro com um estalo seco, fazendo tremer todo o corpo do Conde Marcell, que soltou o ar em seus pulmões e grunhiu. Sabia que estava perdido, mas como o torturavam e o ameaçavam, acreditava que era porque tinha conseguido garantir a fuga de sua esposa e seu filho. Não havia certeza, mas agarrava-se a essa esperança para suportar a dor das chibatadas.

Dubois ouviu o rangido da porta de entrada do calabouço que se abria, vozes abafadas reclamando do cheiro, o barulho metálico de armaduras e o som de botas descendo as escadas. Uma claridade começou a aproximar-se, e ele viu os contornos de seus demônios nas paredes acompanhando-a, parecendo apontar com seus braços e soltar escárnio das figuras que se aproximavam.

“Eles chegaram”.

— Pare — ordenou para o homem que manuseava o chicote. — Quando forem embora, poderá continuar.

— Sim, meu senhor.

A comitiva chegara. Dubois contou doze homens de armas, vestindo cota de malha e armados com espadas e adagas. Faziam a escolta de dois nobres. Um deles era Éverard de Montbard, o nobre que sobreviviera ao ataque no porto de La Rochelle. Boatos diziam que ele havia lançado uma poderosa magia e por isso conseguira escapar do feitiço mortal dos templários. A versão que havia chegado aos seus ouvidos dizia que

havia enfrentado grande número de cavaleiros templários e que, após lutarem bravamente, tinha sido o único sobrevivente. Havia rumores de que, depois daquele confronto, o nobre passara a ter pesadelos e acordava gritando frases desconexas e de grande pavor sobre uma “luz azul mortal”.

O outro nobre que estava sendo escoltado era Jean Baptiste Chevalier, Inquisidor real, responsável por receber as acusações de heresia, reunir as provas e elaborar o processo, pelo qual o acusado dificilmente escapava da condenação — a menos, é claro, que pudesse pagar alto suborno ou fazer generosa doação de terras. Era alto, magro, rosto cavado como de um cadáver e nariz pontudo como de uma águia. Estava vestido de preto. Seu corpo era curvado para frente, e andava devagar como um abutre. Dubois sabia que aquele homem detinha grande poder, podendo incriminar qualquer homem ou mulher em quase toda a França. Mas não se impressionava com seu poder, porque sabia que, a um deslize ou uma acusação bem elaborada, ele poderia ser julgado e acabaria em suas mãos. Mas Jean Baptiste Chevalier era astuto como uma raposa. Era responsável pelos prisioneiros daquele lugar, e qualquer falha ao executar suas ordens poderia arruiná-lo para sempre. Havia sido transferido do Sul da França, após denúncias não comprovadas de que julgara e condenara injustamente uma dezena de nobres, todas acusadas de heresia, bruxaria ou magia negra. Dubois não tinha certeza, mas já tinha acompanhado alguns processos de nobres famílias que foram acusadas, julgadas e mortas, e suas terras e bens foram divididos entre a Igreja, o inquisidor e os juízes responsáveis pelos processos.

Algumas vezes, Dubois ia à igreja e rezava, pedindo sabedoria, porque não compreendia a fé em um Deus bondoso que comandava uma igreja que praticava tortura, queimando homens, mulheres e crianças. Ele sabia que adorar a Lua, criar gatos ou ter ervas e poções para curar dores de barriga, febre ou quaisquer outras enfermidades eram considerados graves pecados pela Igreja, mas às vezes, quando estava bêbado, se questionava se esses pecados justificavam a tortura a que ele submetia os prisioneiros.

Mas somente quando estava bêbado.

— Onde ele está, Dubois? — perguntou o Inquisidor com uma voz que parecia o sibilo de uma serpente.

— Está naquela cela, meu senhor — respondeu apontando para a porta à sua frente.

— Abra-a, quero interrogá-lo.

Dubois assentiu com a cabeça e seguiu naquela direção. Pegou uma tocha, abriu a cela e iluminou a sua entrada. O Inquisidor e o nobre Éverard entraram, seguidos por Dubois.

A cela era semelhante à de Isabelle, à exceção de uma pequena cama com um fétido colchão de palha. Havia um homem deitado nela. Era alto, velho, de barba branca e vestia uma roupa de linho suja e rasgada.

Assim que entrou na cela, Jean Baptiste Chevalier colocou as mãos sobre o nariz para diminuir o cheiro de mofo, fezes e urina. Pensou em reclamar para Dubois, mas em seguida lembrou-se de ter ordenado que aquele homem não tivesse nenhum tratamento especial. Observou-o, por algum tempo, em silêncio. Aquele prisioneiro tinha um grande segredo, uma riqueza inimaginável, que poderia mudar o destino da humanidade.

Relembrou seu plano e em seguida ordenou para Dubois.

— Acorde-o!

Dubois retirou o chicote curto que trazia na cintura. Havia diminuído o cabo e a correia para poder usá-lo dentro das celas. Afastou-se um pouco, girou o chicote no ar, sob os olhos atentos de todos, e disparou com precisão, atingindo o prisioneiro nas costas com um estalo. O velho grunhiu de dor. Então ele continuou a usá-lo sem dizer uma palavra.

— Chega! — Pediu o velho, se contorcendo, mas o carrasco continuou com uma precisão que espantou o Inquisidor real, fazendo o prisioneiro levantar-se com dificuldade e encolher-se num canto da cela, com as mãos procurando proteger o rosto.

O Inquisidor ficou observando o velho sofrer as chicotadas. Era necessário fazê-lo sentir o peso do seu poder, quebrar qualquer resistência, para que pudesse obter êxito em seu objetivo.

— Já chega!

O Inquisidor aproximou-se do velho com a tocha iluminando seu rosto, para que pudesse reconhecê-lo.

— Sabe quem eu sou?

Com muito receio, o velho deixou escapar as mãos ensanguentadas pelas chicotadas, mostrando os olhos castanho-escuros repletos de temor. Num primeiro momento, ficou surpreso com o homem à sua frente, mas em seguida seus olhos mostraram destemor para com aqueles homens. “Talvez devesse tê-lo deixado apanhar mais” — pensou Jean Baptiste, arrependido.

— Sim, eu sei quem você é.

Ele caminhou para trás e afastou a tocha de seu rosto, para que o prisioneiro não visse sua face.

– Sabe por que estou aqui?

– Se deseja me interrogar, posso assegurar que já contei todas as mentiras que seus homens desejavam arrancar de mim.

– Eu não vim arrancar mentiras.

– Então o que veio fazer?

– Venho propor um acordo em nome do rei Filipe e de seu conselheiro, Guilherme de Nogaret.

– Não tenho nada para barganhar. Sei que meu fim está próximo.

– Este é um engano seu, meu bom homem. Se eu desejar, posso deixá-lo por anos neste lugar.

– Não tenho medo da morte nem do sofrimento que poderão me causar com suas torturas infames.

O inquisidor ficou impressionado.

– Ilumine o prisioneiro.

Dubois aproximou a tocha e o prisioneiro virou o rosto para desviar a luz dos seus olhos. O corpo estava magro, desnutrido, a pele estava amarelada como a de um cadáver, mas a alma ainda encontrava forças para resistir.

O inquisidor virou-se para o nobre que o acompanhava.

– Aproxime-se!

Éverard de Montbard aproximou e olhou com desprezo para o velho.

– Lembra-se de mim?

O prisioneiro olhou para o nobre e depois balançou a cabeça.

– Sim.

– Você não permitiu que eu entrasse para sua ordem.

– Se mil vezes eu pudesse escolher, mil vezes repudiaria o seu nome.

– Velho idiota! — Deu um passo adiante e desferiu um soco em seu estômago, fazendo-o agonizar e dobrar-se.

– Eu preciso de informações — disse o inquisidor. — Se recebê-las, terá uma morte rápida. Caso contrário, terá uma morte lenta e dolorosa.

– Já afirmei que não tenho a intenção de responder a coisa alguma, tampouco darei as informações que você, seu papa covarde e seu rei sem escrúpulos desejam. Fui torturado durante tanto tempo nestas masmorras que perdi a noção do tempo. Foi-me prometida a liberdade e até mesmo o reestabelecimento da ordem, e eu disse tudo o que queriam, mas fui um tolo ao fazer acordos com traidores. Nada mais direi. Meu velho corpo sofreu dores insuportáveis, mas meu espírito está com Ele.

O velho levantou-se com esforço, segurando-se na parede coberta de limo escuro, e com dificuldade conseguiu ficar de pé. Sua cabeça se ergueu, e o seu olhar tornou-se altivo perante aqueles homens.

— Eu sou Jaques de Molay, Grão-mestre dos Pobres Cavaleiros de Cristo, cujas regras foram concebidas por São Bernardo no ano da graça de 1128, quando o mesmo, São Bernardo, tornou Hughes de Payns o primeiro grão-mestre. Minha ordem foi criada para proteger os peregrinos que iam para Jerusalém após sua conquista, defendemos aquelas terras dos infiéis por quase duzentos anos. Sou um cavaleiro e sigo o nobre código da cavalaria, por isso não temo as torturas a que estou sendo submetido.

O inquisidor colocou as mãos em seu cinto e pegou um pequeno saquinho de veludo vermelho. Com muito cuidado, ele o abriu e retirou uma pequena pedra azul.

— Acredito em suas palavras, templário, mas preciso de sua ajuda para esclarecer alguns fatos sobre a desprezível ordem que você comandava e que agora, graças ao empenho do rei Filipe, não existe mais. Durante nossa gloriosa jornada para aprisionar os hereges que estavam escondidos em sua ordem, mais precisamente no porto de La Rochelle, uma inocente pedrinha como esta foi jogada no chão pelo comandante da Frota Templária, Robert de Triqueville. É uma pedra que aparenta não ter nenhuma importância — eu a mostrei a um ourives que me garantiu não ter nenhum valor. Eu diria que é sem graça e ingênua, mas ao cair no chão, essa pequena pedra soltou uma luz azul poderosa que dizimou um pequeno exército.

— Somente eu sobrevivi — disse Éverard de Montbard, surgindo de trás dos homens que cercavam o prisioneiro.

Dubois se remexeu, porque agora sabia que o boato era verdadeiro, e rezou em silêncio para que o inquisidor não deixasse cair a pedra.

— Uma pena que não tenha tido o mesmo fim de seus homens — disse o prisioneiro. — O nobre avançou para agredi-lo, mas o inquisidor o interrompeu levantando o braço, surpreso com a reação do prisioneiro, por perceber uma mudança em seu comportamento ao ver a pedra em suas mãos. Ele achava que encontraria um homem arrasado pela tortura, implorando misericórdia, mas depois de três anos, seu orgulho parecia inabalado. O inquisidor ficou admirado sobre a grandeza da fé que aquele homem deveria ter, uma fé inabalável na proteção de um grande segredo, como o que ele tinha na palma da mão. Um segredo que ele

tinha que possuir a qualquer custo, porque se conseguisse, seria o homem mais poderoso do mundo.

— Se uma pedra como essa consumiu toda a vida ao seu redor numa distância de cinquenta, sessenta metros, imagine o poder de uma pedra do tamanho de uma maçã, ou melhor, de uma cabeça humana, atirada para dentro de um castelo durante um cerco? Nós encontramos três destas pedras quando invadimos a Torre do Templo em Paris. Uma delas nós usamos em uma prisão, colocando prisioneiros, inclusive cavaleiros templários, em um pátio, a atiramos de uma distância segura e observamos maravilhados o seu poder. A segunda pedra, um de nossos sábios acabou cometendo um erro: ao tentar remover uma pequena lasca para fazer um experimento, acabou liberando o seu poder.

O Inquisidor encarou o prisioneiro. Havia uma ambição sem limites em seu olhar, de quem faria qualquer coisa para atingir seu objetivo.

— Eu vim lhe propor um trato, ou melhor, uma oferta irrecusável. Diga-me o que quero saber, e eu juro por nosso Senhor que o mandarei tirá-lo desta prisão e o deixarei viver o resto de seus dias em um mosteiro, para que possa se arrepender dos seus pecados. Estou lhe oferecendo a oportunidade de redenção. Tenho autoridade para interceder junto a Sua Santidade para que perdoe as suas ofensas contra a Igreja e seus atos de blasfêmia.

O grão-mestre dos Templários olhou à sua volta, para os homens que o cercavam, e respondeu com o máximo de calma que possuía.

— Eu jamais direi algo sobre o segredo que você segura em suas mãos. O poder que você procura nunca será entregue a homens como você, muito menos para os assassinos e torturadores que você representa. Você não entende que não pode conseguir nada de mim? É impossível interrogar um morto, e eu morri no dia que fui aprisionado.

O inquisidor fechou o punho e cerrou os dentes, guardou a pedra e colocou o saquinho com cuidado em um bolso de sua túnica.

— Você está enganado. — Sorriu sarcasticamente. — Está redondamente enganado. Levem-no para fora.

Era a deixa que Dubois desejava. Enquanto os nobres deixavam a cela, ele chamou dois dos seus homens, que surraram o prisioneiro com pedaços de pau, o arrastaram para fora da cela e o amarraram sentado num banco de ferro.

— Quebrem seus dedos dos pés — ordenou o Inquisidor com um sorriso sarcástico. Sentia prazer ao ver os homens sendo torturados. Sabia

que Dubois era experiente e queria testar até que ponto as palavras ditas pelo Grão-Mestre eram verdadeiras.

Dubois foi até uma mesa onde havia vários instrumentos de tortura, pegou dois torniquetes de ferro e um pequeno martelo pontiagudo. Abaixou-se e, mesmo com os esforços do prisioneiro de impedir sua ação, colocou os dedos do pé direito dentro do instrumento e apertou as duas tarraxas até ficarem presos. Então, pegou o martelo e, apoiando o instrumento no chão, olhou para o velho. O prisioneiro procurou compaixão nos olhos de Dubois, que apenas franziu a testa, ergueu o martelo e o desceu com força. A ponta acertou um orifício do instrumento preso ao pé do velho cavaleiro e atingiu o halux. Os ossos do dedo se partiram e o prisioneiro gritou de dor. Dubois sorriu. Sentiu-se poderoso e importante pela precisão do golpe e repetiu a operação. Um a um, os dedos do pé direito foram quebrados. A cada golpe, o velho cavaleiro urrava e se debatia de dor. Em seguida, ele realizou a mesma operação no pé esquerdo.

— Quando os ossos dos seus dedos cicatrizarem, seus pés parecerão as patas de um animal — disse Dubois, levantando-se e vangloriando-se do que havia feito.

— Está saindo muito sangue? — perguntou o inquisidor.

— Não senhor, apenas pequenos ferimentos causados pelas batidas do martelo.

— Muito bem. Meu nobre cavaleiro, isso é apenas o começo e posso assegurar-lhe que tenho muito, muito tempo para prolongar o seu sofrimento. Agora vai me dizer o que deseja?

O velho demorou para responder. Então, Dubois bateu no instrumento preso em seu pé esquerdo e uma dor lancinante subiu pela perna, atravessou a coluna e chegou até o cérebro.

— Não direi o que desejam! Matem-me agora e poupem o seu tempo! — disse com lágrimas nos olhos.

O inquisidor aproximou-se e sussurrou em seu ouvido.

— Eu já disse que tenho todo o tempo do mundo.

— Vocês são uns animais! Todos vocês serão condenados pelo que estão fazendo! — gritou o conde Marcell, que estava assistindo à tortura do velho cavaleiro.

Os homens voltaram-se para ele.

— Parece que um de seus prisioneiros quer participar do nosso interrogatório — disse o Inquisidor, olhando para Dubois. — Dê-lhe uma pequena lembrança de onde está e qual é sua posição.

— Sim, meu senhor.

Dubois caminhou até a mesa, olhou para os instrumentos e apanhou uma tesoura de ferro. Quando o conde viu o instrumento na mão do inquisidor, começou a se debater, tentando soltar-se das amarras, enquanto o homem, grande e pesado segurou sua mão esquerda com firmeza, colocou a tesoura sobre os dedos, voltou-se para o Inquisidor e perguntou:

— Corto todos, senhor?

— Não, vai sangrar muito e não queremos que isso aconteça. Corte apenas um. Depois pensaremos em algo mais apropriado.

Ele ajustou a tesoura, olhou para o conde e disse:

— Está com sorte hoje.

O conde viu a tesoura fechar sobre seu dedo mindinho. Sentiu uma fisgada de dor nascer do corte feito, caminhar pelo seu braço, passar pelo seu tórax e subir, alcançando seu cérebro com força. Ele ainda pôde ver seu dedo cair no chão, e então se debateu gritando de dor, mas Dubois já havia se afastado, deixando o instrumento ensanguentado sobre a mesa.

— Acredito que agora poderemos continuar sem mais interrupções. Diga-me o que eu preciso saber e o libertarei de seu sofrimento.

— Parem! — disse Jaques de Molay com ar pesaroso após assistir ao ato de tortura de Dubois. — Não posso mais suportar tanto sofrimento. Estou velho demais, fraco demais e cheguei ao meu limite. Mas rogo que me soltem e retirem esse instrumento dos meus pés.

Os homens olharam o Inquisidor, que por um momento pareceu incrédulo, mas se recompôs logo em seguida e sinalizou para os guardas, aprovando seu pedido.

Um dos homens de Dubois retirou o aparelho dos pés do prisioneiro, enquanto outro torturador soltava as cordas que prendiam seus braços, e em seguida o levantou.

Jaques de Molay olhou para o conde Marcell, para os homens à sua volta, para os ferimentos nos pés e em seus braços.

Quanta dor causada pelo segredo que guardavam há séculos. Quanto sangue ainda seria derramado até que o mundo tomasse conhecimento do segredo que a Ordem dos Cavaleiros Templários havia jurado manter oculta. Naquele momento, teve a certeza de que aqueles homens jamais iriam parar, e ninguém estaria a salvo até que alcançassem seu objetivo.

Até que tivessem sucesso.

— Nós guardamos um segredo... um grande segredo — disse fazendo uma pausa, e logo em seguida continuou: — descoberto pelos nove cavaleiros que partiram para Jerusalém após a vitória da Cristandade. Hugh de Payens, nosso primeiro grão-mestre, conhecia a lenda de um poderoso segredo e tinha um mapa de onde poderia estar enterrado. Por isso partiram para Jerusalém, onde solicitou ao rei Balduíno que nossa Ordem pudesse se estabelecer na Mesquita do Rochedo, construída sobre o Templo de Salomão, e por esta razão a Ordem passou a receber a alcunha de Cavaleiros Templários.

— Não desejo saber os detalhes da criação de sua Ordem! — disse o inquisidor, e depois completou, arrependido: — talvez em outro momento.

— Está bem. Nosso grão-mestre e os oito cavaleiros cavaram nas ruínas, no mais absoluto segredo, e descobriram um grande tesouro debaixo do Templo de Salomão.

Jean Baptiste soltou um sorriso de triunfo, aquela era a primeira vez que ele conseguia a confirmação de que os Templários haviam encontrado um tesouro enterrado sob o Templo de Salomão.

Ele deu um passo à frente para encorajar o prisioneiro.

— E o que foi descoberto? Ouro, prata, pedras preciosas?

O velho monge guerreiro balançou a cabeça.

— Nada do que você imagina chega aos pés do que eles descobriram.

O Inquisidor ficou desconcertado, e seu corpo se agitou. Mas ele se recompôs em seguida, porque a maioria das pessoas acreditava que haviam descoberto algo muito valioso, talvez o tesouro do rei Salomão. Mas se não era isso, o que poderia ser? Ele pegou o pequeno saquinho de sua túnica e mostrou para Jaques de Molay.

— Foi isso que encontraram?

— O que você tem nas mãos é apenas uma pequena amostra do poder que aqueles homens descobriram.

— E o que seria esse poder? — perguntou com uma voz reconfortante.

O prisioneiro respirou fundo e revelou com a voz cansada.

— Fé. Nós encontramos fé, e uma razão para viver, seguindo os mandamentos do Filho Dele.

O Inquisidor deu um passo à frente.

— A Fé não lhes daria isto! — disse levantando o saquinho de veludo, e usando todo o seu conhecimento teatral, começou a vociferar agitando os braços. — Vocês encontraram mais, muito mais! E a relutância em

contar a verdade é a causa de seu sofrimento! Eu lhe digo que a sua salvação está em jogo por causa de sua teimosia! As torturas que agora seu corpo sofre não serão nada! — Fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Nada comparado ao que sofrerá no inferno! Você é um grande pecador, e eu, somente eu, sou a salvação de seus pecados! Eu sou a sua redenção e o que separa sua alma da perdição eterna!

O Inquisidor foi tão perfeito em seus argumentos que Dubois e seus homens sentiram pena do prisioneiro. Eles não compreendiam como era possível enfrentar a Igreja, correndo o risco da perdição eterna apenas para ocultar um tesouro, por mais valioso que fosse. Um dos homens de Dubois chegou a fazer o sinal-da-cruz, porque para aqueles homens, ser amaldiçoado pela Igreja significava a perdição eterna.

Jaques De Molay baixou a cabeça, como se após ouvir aquele discurso, tivesse concluído quanto ele e a Ordem que liderava haviam caminhado na escuridão, quanto haviam blasfemado contra a Igreja que haviam jurado proteger. Ele respirou fundo e respondeu com a voz engasgada.

— Nós encontramos segredos — respondeu fazendo uma pausa. Em seguida, respirou fundo e continuou: — segredos em manuscritos.

O Inquisidor, ainda com os braços levantados, arregalou os olhos de surpresa. Sabia que o cavaleiro era forte, mas também sabia que ele estava exausto, a prisão, a fome e as torturas, somadas ao seu discurso, pareciam ter dobrado a sua resistência. Mas estava desconfiado, porque não podia deixar de esquecer que ele era um guerreiro, líder da maior força militar conhecida no mundo ocidental.

— Que segredos foram descobertos? Diga-me, homem, e eu poderei tirá-lo daqui! Posso interceder junto ao papa e ao rei para conceder-lhe o perdão! A Igreja está disposta a recebê-lo, desde que se arrependa! Nós somos o único instrumento que poderá interceder junto a Ele para redimir seus graves crimes!

O cavaleiro ficou em silêncio, de cabeça baixa, balançando a cabeça negativamente, como se estivesse condenando o comportamento da Ordem.

— Alquimia — balbuciou.

Jean Baptiste quase deixou escapar um grito de alegria. Estava conseguindo algo que nenhum inquisidor em toda a Europa havia conseguido: a revelação dos segredos da Ordem dos Cavaleiros Templários. Mas precisava manter-se firme em seu interrogatório e continuar representando sua grande indignação ao ouvir aquela declaração.

— Hereges! — gritou levantando os braços. — Alquimia é um sacrilégio perante as leis de Deus e da Santa Igreja! Nosso rei e o santo Papa estavam certos, a sua Ordem realizou o inimaginável, traindo a confiança depositada no ato de sua criação por Bernardo de Claraval! Por isso merecem a punição máxima!

O velho cavaleiro levantou a cabeça, e seus olhos imploravam perdão. Estava cansado de tantas torturas. Seu corpo havia sofrido terríveis tormentos, e sua alma estava despedaçada. Não havia mais sentido em continuar a esconder o que haviam protegido durante todos aqueles anos. Eles não eram melhores do que os homens que os haviam encarcerado, confiscado seus castelos e seus bens. Pelo contrário, aqueles homens que o haviam torturado eram os únicos que poderiam trazer a redenção.

— Nunca tivemos a intenção de nos tornar hereges ou sacrílegos com a Igreja, muito menos com Nosso Senhor. Acreditávamos que o segredo que descobrimos e usamos para aumentar o poder da Ordem fora um desejo divino, a glória e o fardo que teríamos que carregar até o fim dos tempos.

O prisioneiro balançou a cabeça, arrependido.

— Somente agora vejo quão errados nós estivemos.

E caiu de joelhos diante do inquisidor.

— Eu peço perdão, por mim e por meus irmãos templários.

Alguns dos homens que estavam ali sentiram compaixão ao ver o grão-mestre dos poderosos Cavaleiros Templários ajoelhado e dizendo aquelas palavras.

A tortura havia vencido. Jean Baptiste e seus homens haviam conseguido quebrar o código de silêncio dos Cavaleiros Templários.

O Inquisidor sabia do poder que teria ao saber o segredo, onde tantos haviam falhado, ele teria sucesso. Em breve, negociaria um cargo mais elevado, e já imaginava que a nomeação para bispo seria a primeira coisa que exigiria.

O Inquisidor deu um passo para frente e sua face ficou terna como um pai que escuta com paciência o filho transgressor. Colocou a mão no ombro do velho cavaleiro.

— Jaques De Molay, a tortura mostrou o verdadeiro caminho para sua alma. Nenhum de nós sente prazer no que fazemos, somos apenas instrumentos de Nosso Senhor, com o objetivo de trazer a ordem ao mundo para colocar as pessoas no verdadeiro caminho da luz. Eu vejo sinceridade em suas palavras, arrependimento em seus olhos e não tenho

dúvidas de que iremos reconduzi-lo para o verdadeiro e único caminho da fé.

– Obrigado, meu Senhor, obrigado por me fazer enxergar a verdade – respondeu com dificuldade.

– Levante-se, não há necessidade de ficar de joelhos – disse magnânimo.

O velho cavaleiro tentou ficar de pé, mas não conseguiu, então dois homens, após a aprovação do inquisidor, o seguraram pelos braços e o levantaram.

– Agora preciso que continue sua confissão.

A versão oficial da origem dos Cavaleiros Templários teve início quando nove cavaleiros partiram para Jerusalém no ano de 1118, com a missão de escoltar os peregrinos que vinham da Europa para a Cidade Santa e que usavam os caminhos de Jafa e Cesareia. Os caminhos eram repletos de assaltantes infiéis que atacavam os viajantes que se dirigiam para os reinos cristãos conquistados pelas cruzadas. Nove cavaleiros, sob o comando de Hughes de Payns, conseguiram, através da permissão do rei Balduíno, que fosse permitido se instalar debaixo das ruínas do templo do rei Salomão, e por isso receberam a alcunha de Ordem do Templo, e cada cavaleiro passou a se chamar cavaleiro templário. Por sete anos, ficaram escavando as ruínas do templo.

Então, alguma coisa mudou.

Hughes de Payns viajou para Roma no final do verão de 1127 junto com mais cinco cavaleiros, e após uma audiência com o papa Honório II, conseguiu o reconhecimento da Ordem. Com o apoio de Bernardo de Claraval, a Ordem ganhou uma série de privilégios, além de uma concessão inédita: a de se submeter somente às ordens do papa. Por que o Papa Honório II concedeu essa autorização ao pequeno grupo de cavaleiros seria o primeiro de muitos segredos, que daquele dia em diante aumentou de tamanho e poder, alastrando-se por todos os países do continente europeu.

Poderosa e influente, despertou a cobiça, sendo traída pelo rei da França, Filipe IV, e o papa Clemente V. Uma conspiração que tinha aprisionado o Grão-mestre da Ordem e mais de quinze mil cavaleiros num único dia, quando passaram a ser torturados para que revelassem todos os seus segredos.

O Inquisidor lembrou rapidamente a história dos Cavaleiros Templários, porque a tinha estudado diversas vezes, mas havia muitas

lacunas que ele pretendia preencher. Acreditava que havia uma missão secreta confiada aos primeiros cavaleiros enviados para Jerusalém.

— Eu sei que Hughes de Payns sabia da existência de um tesouro debaixo do Templo de Salomão — blefou o Inquisidor.

— Sim, é verdade — confirmou Jaques de Molay.

— Então me diga, que tesouro foi descoberto debaixo das ruínas?

O prisioneiro balbuciou algumas palavras, mas o Inquisidor não conseguiu compreendê-las.

— Repita! — ordenou.

O velho cavaleiro respondeu, mas novamente o Inquisidor não conseguiu entender as palavras sussurradas. Com muito esforço, conseguiu compreender apenas as palavras mapa, tesouro e segredos. Aproximou-se e colocou a mão no ombro do prisioneiro, procurando reconfortá-lo. Via que o velho cavaleiro estava fraco e as últimas torturas haviam debilitado seu corpo ainda mais.

— Repita o que disse, Cavaleiro, — falou com o objetivo de dar importância ao prisioneiro — liberte-se deste fardo.

O velho templário levantou a cabeça e olhou para o inquisidor. Seu olhar havia mudado — em vez de arrependimento e submissão, via-se fúria e terror.

Então, Jean Baptiste percebeu que fora enganado e havia subestimado a força do cavaleiro.

Mas era tarde demais para fazer alguma coisa.

Jaques de Molay pegou um punhal que estava preso na cintura do homem à sua direita e golpeou-o no peito, deixando todos perplexos. Quando retirou a adaga, um jorro de sangue atingiu o rosto do Inquisidor. Em seguida, ele atingiu o pescoço do outro torturador, à esquerda. Tentou puxar a faca, mas ela ficou presa no pescoço do homem, que soltou um grunhido. Os dois homens cambalearam e caíram para trás, enquanto o cavaleiro voltou-se para o homem à sua frente.

Era a vez do Inquisidor.

Como uma fera, atirou-se sobre ele.

— Acha que vou contar os segredos de nossa ordem para um verme! Nem toda dor do mundo fará com que eu fale!

Jean Baptiste ficou apavorado e se debatia, tentando escapar do homem que estava sobre ele. Uma das mãos do cavaleiro encontrou o crucifixo que trazia preso à cintura. Puxou-o com toda a força e o levantou.

— Isto é pelos meus irmãos mortos e torturados! — E desceu com toda força, mas os braços agitados do torturador desviaram o golpe, e a ponta do crucifixo atravessou o olho direito do Inquisidor, fazendo-o gritar de dor. O velho prisioneiro puxou-o do olho furado e se preparou para desferir um novo golpe, mas os homens de Dubois conseguiram segurá-lo e o levantaram com violência.

Dubois ajudou Jean Baptiste a se levantar. Ele gritava de dor e com a mão direita tapava o olho ensanguentado.

— Sacrilégio! Ele furou meu olho! — E então sua fúria voltou-se para Dubois. — Onde você estava que não fez nada?! Nem você nem seus homens inúteis!

— Não foi possível fazer nada, meu senhor, nós achávamos que ele não teria forças para atacá-lo.

— Ele é um cavaleiro templário, seu inútil!

— Ele foi muito rápido, meu senhor. Veja, ele matou dois dos meus homens. — Em seguida, colocou a mão na túnica e retirou um lenço imundo.

— Tome, meu senhor. Para proteger seu olho ferido.

O Inquisidor olhou o lenço e vociferou.

— Você está louco, achando que colocarei esse trapo imundo em meu olho! — respondeu colocando a mão no bolso de sua túnica, retirando um lenço branco de algodão e tapando seu olho ferido.

A dor era lancinante, e ele sabia que não havia nada que poderia fazer, mas estava furioso com os homens de Dubois, por não terem conseguido protegê-lo, e principalmente por ter sido enganado.

— Você! — disse apontando para Jaques de Molay. — Eu lhe dei a chance da redenção, a chance de redimir-se dos seus pecados!

— Acha que sou tolo! — retrucou o velho cavaleiro. — Assim que revelar o segredo, serei morto ou jogado numa masmorra pior do que esta! Não há salvação para mim ou para a minha Ordem! Nosso destino já está selado e devemos proteger o segredo para sempre.

— Blasfêmia! Como ousa duvidar da minha palavra?

— Com a mesma certeza da sua traição e dos homens que você representa!

— Incrédulo! Herege! Você vai pagar! Vai pagar por este ato covarde!

— Covardia foi o que fizeram comigo e com meus irmãos!

O inquisidor voltou-se para Dubois.

— Arranque os olhos dele! Com cuidado, mantenha-o vivo, ele não pode morrer em nenhuma hipótese!

Dubois assentiu com a cabeça. Ele já havia realizado aquela operação, e sentiu-se aliviado em poder causar a mesma dor que o inquisidor estava sofrendo e que ele não havia conseguido evitar.

— Faça o que ordenou — disse para um de seus homens, que sacou uma faca e aproximou-se.

— Meu senhor, devo furá-los ou arrancá-los?

Deu de ombros e olhou para o Inquisidor.

— Fure-os! Quero que sinta a mesma dor que estou sentindo.

O homem aproximou-se de Jaques de Molay, que se contorcia, tentando escapar, mas estava seguro por dois homens. Um terceiro segurou-o pelos cabelos e manteve sua cabeça parada.

— Calma, velho! — disse o homem aproximando-se com a adaga. — Prometo ser rápido.

Num gesto de desespero, ele exclamou:

— Que Deus tenha piedade de sua alma, porque meus irmãos não terão!

O homem riu nervosamente.

— Eles não estão aqui para protegê-lo. Todos foram presos e em breve terão o mesmo fim.

Ele colocou a mão por trás de sua nuca e o segurou firme pelos cabelos brancos e desgrenhados.

— Olhe para mim, velho! — disse sorrindo e mostrando os dentes podres. — Será a última coisa que irá ver.

Jaques de Molay, Grão-mestre dos Templários, abriu os olhos e olhou para o homem à sua frente. Não havia medo, mas sim uma fúria que o paralisou por um momento.

Ouviu-se um chiado, como o silvo de uma serpente, e a cabeça do torturador tombou para a frente, e do seu pescoço brotou uma haste vermelha. Ele tentou falar, mas apenas tossiu sangue. Deixou cair a adaga, seus olhos reviraram, e ele caiu diante do velho cavaleiro, deixando todos perplexos.

Dubois aproximou-se do corpo segurando uma tocha, e viu uma flecha transpassando o pescoço do infeliz.

— Beasant!

O grito ecoou pela masmorra, fazendo os homens olharem para várias direções. Éverard de Montbard sentiu um frio na barriga, porque já tinha ouvido aquele grito.

Era o grito de guerra dos Templários.

O nobre olhou ao redor e percebeu que eram alvos fáceis, iluminados pelas tochas em meio à escuridão.

– Armas! – gritou, e todos sacaram suas espadas.

Houve um momento de grande tensão. Então, o silvo foi ouvido mais uma vez. Três homens foram atingidos no peito e caíram gritando e se debatendo como peixes fora d'água.

– Me protejam! – ordenou Jean Baptiste, e os homens de armas o cercaram. Houve um momento de silêncio, como prenúncio de uma tempestade no horizonte, e então ele lembrou que o lugar onde estavam era um castelo templário, que fora tomado pelo exército do rei Felipe e convertido em uma prisão, e concluiu que os cavaleiros deviam ter entrado na masmorra por uma passagem secreta.

Era tarde demais para refletir sobre a entrada dos guerreiros naquele lugar. Havia apenas a batalha que se aproximava, e então, ela chegou com fúria.

Do meio das sombras, surgiram vultos vestidos com armaduras negras, usando elmos leves de combate e portando longas espadas, iniciando um pesado combate. Dubois aproximou-se do Inquisidor para protegê-lo, mas também porque acreditava que o seu prestígio poderia salvá-lo da matança que os cavaleiros vestidos de negro provocavam em seus homens. Os homens de armas de Dubois não eram amadores, alguns eram ex-soldados, e somados aos homens do Inquisidor, compunham uma força considerável. Mesmo assim, não tinham a menor chance contra os oponentes, que com habilidade de mestres, matavam os inimigos um a um, desmembrando braços e cabeças ou rasgando seus ventres e deixando cair as entranhas junto de seus pés.

Éverard de Montbard lutava com fúria contra os guerreiros saídos das sombras. Não tinha medo de enfrentá-los e havia uma raiva incontrolável em seus olhos. Um ódio antigo, causado por ter sido repudiado pela Ordem, por ter deixado a frota escapar e por ter caído em uma emboscada. Era um cavaleiro e lutaria como tal até a morte. Enfrentava um guerreiro experiente, que sabia usar a espada com habilidade e ambos realizavam a dança de combate com mestria. Mas o cavaleiro templário era rápido, e num movimento perfeito, aparou um golpe de Éverard e moveu o corpo para frente. A ponta de sua espada penetrou na garganta

do nobre, que ainda tentou gritar, mas não conseguiu. Largou a arma e caiu de joelhos. O cavaleiro templário puxou sua espada, que saiu com a ponta vermelha de sangue, enquanto o corpo de Éverard caía para frente.

Um dos cavaleiros portava um machado de dois gumes, que estava encharcado de sangue. Ele viu Dubois protegendo o Inquisidor e foi em sua direção. O chefe dos torturadores viu o guerreiro se aproximando, olhou para o machado ensanguentado e constatou que seu oponente era tão alto quanto ele, tinha ombros largos, peito robusto e, com aquela armadura que ele nunca tinha visto, parecia invencível. Mas Dubois também era grande e forte, e não morreria sem lutar. Avançou em sua direção, girando a espada no ar e desferindo-a com força. O cavaleiro esquivou o golpe com o machado, fazendo-o grunhir de raiva. Tentou outro golpe a meia altura, e o machado aparou seu movimento no ar. Ele tentou desequilibrá-lo, mas com um movimento perfeito, o cavaleiro se moveu para a direita e desferiu um soco com a mão coberta pela luva de metal, que se chocou contra sua boca, arrebatando os lábios e fazendo-o sentir os dentes se partirem. Dubois recuou soltando um gemido abafado. O cavaleiro parou à sua frente e ficou observando, enquanto Dubois levava a mão à boca ensanguentada e cuspiu sangue e dentes. O torturador olhou para a figura a sua frente, ele não parecia real, parecia ter saído de seu pior pesadelo. Seus homens e os de Jean Baptiste estavam sendo mortos, seu destino estava selado. Mas se tivesse um golpe de sorte, poderia enviar aquele guerreiro para o inferno. Avançou com fúria, gritando, de espada levantada, e quando desceu a arma, o cavaleiro esquivou-se facilmente da lâmina e desferiu o machado com força. A arma decepcionou-lhe o braço direito, que caiu com a mão segurando a espada. Dubois soltou um urro de dor e levou a mão ao ombro na tentativa inútil de estancar o sangue que escorria, encharcando suas vestes. O cavaleiro aproveitou a força do movimento, girando o corpo, e desferiu o machado novamente, cortando fundo seu peito e fazendo o sangue jorrar em um esguicho forte que atingiu sua armadura. Dubois ainda tentou um movimento com a mão esquerda para soltar o machado, mas o sangue se esvaía do seu corpo rapidamente. Deu um passo para frente e caiu de joelhos, olhando para o chão. O cavaleiro teve que puxar o machado com força para soltar a arma. Dubois tentou gritar, mas apenas emitiu um grunhido. Seus olhos giraram e ele caiu para o lado.

Nesse instante, a sombra de um demônio alado projetado na parede pelas tochas pareceu soltar um grito de desespero ao ver seu mestre morrer, e desapareceu na escuridão.

Havia dez cavaleiros de pé trajando uma armadura negra e todos os torturadores haviam sido mortos, com exceção do Inquisidor Jean Baptiste, que estava sendo vigiado por um cavaleiro.

Alguns deles limpavam suas armas nas roupas dos homens que estavam sobre o chão da masmorra. Dois deles se aproximaram do velho cavaleiro caído no chão.

— Senhor — disse um deles retirando o elmo. — Nós viemos buscá-lo. Jaques de Molay olhou para o jovem cavaleiro à sua frente.

— Gérard de Ridefort! Meu jovem irmão, você devia estar com a Frota Templária. O que faz aqui? — perguntou demonstrando preocupação, como se a missão do seu resgate houvesse sido um erro, e ele não precisasse de ajuda.

— Nós viemos salvá-lo, meu senhor. — respondeu o cavaleiro, olhando-o com piedade.

— Onde está Robert de Triqueville? — perguntou, referindo-se ao comandante da Frota Templária.

— Meu senhor, ele morreu lutando para defender a fuga da frota.

— E quem está comandando a frota?

— Ele me passou o comando, meu senhor.

O líder dos Templários olhou para a mão do jovem e viu o anel em seu dedo. O que ele dizia era verdade. Sentiu compaixão pela morte de seu companheiro Robert de Triqueville, irmão de muitas batalhas, uma voz sempre sábia e ponderada. Sentiu pena pelo pesado fardo conferido ao jovem à sua frente, e seu semblante tomou ares de grande preocupação.

— Uma boa escolha em um momento tão difícil. E quanto à frota? Ela precisa estar em segurança!

— Sim, meu senhor, ela está em segurança e nosso segredo também. Viemos buscá-lo, para se juntar a nós. Deixe-me ajudá-lo a levantar-se. Ele e outro companheiro ajudaram, mas o velho gemeu de dor.

— Eu não consigo andar. Meus dedos dos pés foram quebrados.

— Qual deles, meu senhor?

— Todos eles.

O jovem cavaleiro olhou e viu os dedos partidos, alguns completamente fora de lugar, deixando-os parecidos com garras retorcidas.

— Animais — grunhiu para si mesmo, e chamou um dos cavaleiros:

— Pedro, ajude-me aqui! Isso, segure-o.

Em seguida, caminhou na direção do inquisidor, abrindo caminho entre seus homens.

Jean Baptiste olhou para o jovem se aproximando, sabendo que tinha pouco tempo para racionar uma forma de conseguir evitar o fim trágico para sua vida. Se fosse um cavaleiro idoso ele não teria chance, porque sabia que os cavaleiros mais velhos buscariam vingança, pura e simples, mas o guerreiro que se aproximava era jovem, e ele era especialista em manipular jovens.

Gérard colocou a mão no cabo da espada.

— Pare! — disse o Inquisidor, procurando carregar o máximo de autoridade que podia em sua voz, arregalando o único olho que possuía e levantando as duas mãos. — Quem ousa levantar armas contra homens que estão sob a proteção do santo Papa e do Rei?

— Eu!

— E quem é você, que mata homens que estão sob a proteção da Santa Igreja, impedindo o difícil trabalho de fé que estamos realizando neste local?

— Meu nome é Gérard de Ridefort, comandante da Frota Templária, e vim resgatar o Grão-mestre Jaques de Molay, acusado injustamente por um tribunal de impostores!

O inquisidor ficou impressionado com o olhar do jovem cavaleiro e a força de suas palavras, mas estava acostumado a enfrentar questionamentos em sua profissão e era hábil na arte da retórica.

— Blasfêmia! Como ousa fazer uma acusação dessa, cavaleiro? Não há injustiça no tribunal que o julgou e do qual faço parte! Seu grão-mestre é culpado e assumiu sua culpa perante a Santa Igreja, para a qual sua Ordem jurou obediência.

— Ele só assumiu a culpa porque foi torturado por canalhas como você!

— Como ousa me difamar? Eu não o torturei! Se ele foi colocado aqui para sofrer provas e expiações, foi porque não quis admitir sua culpa inegável! — E olhou para os cavaleiros mostrando o olho furado. — A culpa que todos vocês carregam!

Um dos cavaleiros aproximou-se, tocou no ombro de Gérard e retirou seu elmo.

— Bertrand Huller! — gritou o Inquisidor, reconhecendo o jovem que havia se aproximado. — Você é conselheiro do bispo La Chapelle, curador e tutor legal dos Templários! Ele sabe que você caminha a trilha destes homens condenados? Por acaso tornou-se um traidor? Você

pertence à Igreja, fez seus votos e jurou obedecer às suas ordens! Como pode estar no meio destes hereges?

Jean Baptiste estava surpreso ao ver aquele homem entre os templários. Isso poderia explicar muita coisa. Se o conselheiro de um cardeal estava com eles, concluía-se que o cardeal La Chapelle estava envolvido na fuga da Frota Templária. Mas ele estaria sozinho ou com mais cardeais? Quantos estavam por trás desse complô para proteger o que restara da Ordem?

Era uma informação importante, valiosa demais, talvez tão importante quanto o segredo dos Templários. Afinal, quanto valeria essa informação para o santo Papa Clemente V?

Mais do que nunca, Jean Baptiste precisava sobreviver.

– Não deve haver obediência onde existe mentira, traição e falsidade. – Bertrand respondeu calmamente. – Depois, se aproximou de Gérard e disse em um tom de voz que somente ele podia ouvir:

– Ele é um Inquisidor da Santa Igreja. Matá-lo não ressuscitará seus irmãos.

– Mas aplacará a fúria em meu coração. – Retrucou Gérard.

– A ira não se aplaca com violência e morte. Lembre-se que nossa missão é salvar o Grão-mestre.

– Mais um motivo para matá-lo. Você viu o que estes animais fizeram com nosso comandante. Olhe à sua volta e me diga por que devemos poupá-lo. Se ele deixar este lugar com vida, os homens que você representa estarão em perigo.

– Sei do perigo que corremos, mas matá-lo não será a solução. Eu posso conversar com ele, e marcar um encontro com o cardeal La Chapelle, que comprará seu silêncio. Lembre-se, Nosso Senhor disse que devemos oferecer a outra face, e quando não fazemos isso, nós nos distanciamos mais dos seus ensinamentos. Lembre-se dos votos que fez, Cavaleiro, não importa as condições em que nos encontramos agora. Ele está indefeso diante de nós e...

Gérard de Ridefort ignorou os comentários e aproximou-se do Inquisidor, que observava a conversa atentamente, esforçando-se para não demonstrar qualquer emoção, e ficou analisando a frieza do homem à sua frente, refletindo o que Bertrand havia dito.

– Meu amigo Conselheiro pede por sua vida.

O Inquisidor teve um lampejo de esperança em seu olho, o que não passou despercebido por Gérard.

— Isso não me admira. Ele é um homem da igreja, portanto é sábio e sensato. — Respirou devagar e soltou o ar lentamente. — Sou um enviado do papa, e por consequência um enviado Dele — disse apontando para cima. — Ferir-me trará ainda mais sofrimento para você e para seus homens.

— Que tipo de sofrimento? — perguntou Gérard dando um passo para trás, como se temesse o homem a sua frente.

— Ferir-me enviará sua alma para o inferno mais profundo, onde sofrerá tormentos atrozes durante toda a eternidade. — Levantou os braços para rogar uma maldição. — Vocês todos estão em grande perigo! Suas almas estão na beira do abismo da perdição! — Nós fizemos o juramento de obedecer ao papa, mas ele nos traiu junto com o rei!

— Nunca houve, nem jamais haverá traição por parte da Igreja! — E apontou para o jovem cavaleiro que parecia em dúvida. — A sua Ordem se perdeu na cobiça e nos profanos segredos da alquimia. Por isso todos nós tivemos que agir. Ferir-me agora — Deu um passo à frente com as mãos levantadas e os punhos fechados — não trará solução para seus problemas, apenas mais dor, sofrimento e ranger de dentes.

Gerárd recuou um passo, parecendo amedrontado, e o Inquisidor avançou confiante, movendo levemente os lábios num sorriso sarcástico. Mas num movimento rápido, o cavaleiro girou o tronco, retirando a espada da bainha e desferindo um golpe certo. O corpo ficou inerte, sua cabeça saiu do pescoço e caiu no chão, fazendo um baque surdo enquanto o corpo caía para o outro lado. Ele olhou para o grão-mestre da ordem, que aprovou com um aceno na cabeça.

Ele caminhou na direção de Bertrand.

— Agora estou me sentindo melhor, Conselheiro.

Em seguida se virou para os cavaleiros ao seu redor.

— Pedro, Henrique, vamos para a passagem.

— Gérard.

— Sim, Philippe. — respondeu para um cavaleiro que se aproximou.

— Este homem — disse apontando para o prisioneiro amarrado e com uma das mãos ensanguentadas — eu o conheço. É o Conde Marcell, comandante das fortificações de La Rochelle, e era grande amigo do irmão Robert.

Gérard aproximou-se do homem.

Ele o conheceu no dia em que a frota havia ancorado em La Rochelle. Sabia que o Conde não concordara com a traição imposta aos cavaleiros, e que no dia da fuga da Frota Templária, havia enfrentado Guilherme de

Nogaret, o conselheiro do rei, permitindo que a frota pudesse escapar do porto.

O conde Marcell levantou a cabeça.

— Se você é o comandante da Frota Templária, presumo que Robert de Triqueville esteja morto.

— Ele deu sua vida para que pudéssemos fugir do porto de La Rochelle. Como veio parar aqui?

— Eu enfrentei Guilherme de Nogaret durante a batalha no porto, e ele me condenou por ter deixado vocês escaparem.

— Seu sofrimento acabou, meu senhor. Tristan, liberte-o, ele virá conosco.

— Precisamos partir.

— Sim, leve-os para a passagem e...

Uma flecha atingiu Bertrand no ombro e, com a força do impacto, ele foi projetado para frente, mas não caiu porque foi amparado por Gérard. Surgiram, então, vários gritos dos andares superiores do calabouço.

— Atenção, templários! Quem fala é Guilherme de Nogaret, conselheiro do rei. Deponham suas armas e se rendam. Caso contrário, serão todos mortos.

— Para a passagem! — ordenou Gérard, carregando o amigo nos ombros.

Várias flechas foram disparadas, que atingiram dois cavaleiros nas pernas, mas eles conseguiram entrar numa cela junto com os outros cavaleiros. A porta foi fechada e uma tora de madeira, usada como trave de tortura, foi usada para escorar a porta. Jaques de Molay olhou os homens entrando na passagem secreta que ele havia ordenado construir para uma eventual fuga dos cavaleiros que estivessem guardando o castelo. Ela levava até um túnel que dava para o canal de esgotos da cidade.

— Parem! — ordenou. — Deixem-me aqui!

Gérard se aproximou.

— Mas senhor, nós viemos salvá-lo.

O velho cavaleiro grunhiu de dor, mas colocou a mão ensanguentada no ombro do jovem guerreiro.

— Isso vocês já fizeram, meu jovem irmão. Provaram que a Ordem está viva e que seu segredo está em boas mãos. Isso é a minha libertação.

— Eu não compreendo, meu senhor.

— Se eu fugir, eles recomeçarão a caçada aos nossos membros, e isso eu não posso permitir. Preciso ficar, eu devo ficar. Meu corpo não aguentará muito mais. Em breve, sinto que Nosso Senhor virá me buscar para a prestação de contas final.

Os cavaleiros ouviram um baque surdo na porta.

— Abram em nome do rei!

— Não partiremos sem o senhor!

O grão-mestre colocou a mão no ombro de Gérard.

— Já cumpri o meu papel nesta vida, templário. Deixe-me terminá-la com honra, enfrentando meu destino. Mas você ainda não concluiu sua missão. Seus ombros carregam uma grande responsabilidade e eu tenho certeza de que saberá agir com sabedoria. Agora vá, templário, cumpra o seu papel, já provou que é digno do posto que ocupa.

— Está bem, meu senhor — disse Gérard com grande pesar. — Mas antes de partir, eu farei um juramento. Eu, Gérard de Ridefort, comandante da Frota Templária, juro que não descansarei enquanto os homens que foram responsáveis pela queda de nossa Ordem não forem destruídos.

O grão-mestre balançou a cabeça e colocou a mão no ombro do jovem cavaleiro.

— Sei que cumprirá seu juramento. Mas saiba que, quando terminar, descobrirá que a vingança não trará paz ao seu coração.

O jovem cavaleiro ia dizer algo, mas foi impedido.

— O tempo urge. Deve partir agora, mas antes se aproxime, preciso lhe contar um grande segredo.

Gerárd se aproximou e ouviu atento as palavras do Grão-mestre.

A porta partiu-se em pedaços e soldados empunhando espadas entraram gritando, mas somente encontraram Jaques de Molay de pé.

Guilherme de Nogaret saiu do meio dos soldados, usando uma cota de malha sobre o traje de cavaleiro.

— Onde estão seus homens? Onde estão os cavaleiros que estavam com você? Diga-me agora, para onde eles foram?

— Este será mais um mistério que recairá sobre nossa Ordem.

— Por que não fugiu com eles?

— Cada um tem uma missão para cumprir. A deles será vingar a traição que sofremos. A minha, ficar e enfrentá-lo.

— Tolo! Procurem uma passagem secreta! — ordenou para os soldados ao seu redor. — Aqueles homens não podem ter evaporado

desta cela! Eles construíram este castelo, tenho certeza de que há uma passagem secreta! Durante algum tempo, os homens forçaram as paredes e enfiaram as espadas nas gretas entre as pedras, mas foi em vão. Por fim, o comandante dos soldados se aproximou de Guilherme de Nogaret.

– Não encontramos passagem secreta alguma, meu senhor.

– Continuem procurando! Diga-me, Jaques de Molay, por que ficou?

– Minha vida está no fim. Cumprirei o seu destino, mas minha alma foi libertada, e cavalgará com meus companheiros de armas para fora deste castelo.

Guilherme estava furioso e ia revidar aquele comentário que achava ser estúpido, mas percebeu que o velho cavaleiro se mantinha em pé com dificuldade. Então, aproximou a tocha que segurava e viu os dedos de seus pés quebrados. Aquilo deveria ser obra de Dubois e do inquisidor. “*Idiotas*”, pensou. Os ferimentos poderiam infeccionar e morto, o grão-mestre dos Templários não serviria para nada.

– Levem-no daqui! – ordenou. – E chamem um homem da medicina para cuidar de seus ferimentos nos pés! – Então, se aproximou do líder dos Templários. – Quando estiver melhor, velho amigo, eu mesmo irei interrogá-lo.

Dois soldados apoiaram Jaques de Molay nos ombros e ajudaram-no a deixar o local.

Guilherme de Nogaret coçou o queixo. Por que o haviam deixado para trás? Eles tiveram tempo de sobra para levar o Grão-mestre, mas o deixaram para trás. Por quê? Todo o esforço empregado para libertá-lo não poderia ter sido em vão. Talvez eles não quisessem libertá-lo, talvez viessem buscar outra coisa, uma informação que somente Jaques de Molay sabia. Ele teria revelado algum segredo, e depois ficara para se sacrificar, para que aqueles homens pudessem escapar em segurança.

Nogaret desconfiava que três cardeais que haviam auxiliado a arquitetar a destruição da Ordem dos Templários haviam sido assassinados nos últimos meses. As mortes foram atribuídas a causas naturais: um por enfarte, outro por uma queda de cavalo e o último por um mal súbito, mas ele intuía que de alguma forma as mortes haviam sido causadas pelos Templários. Por isso, precisava agir com cautela, se quisesse continuar vivo, para descobrir seus segredos. “*O que fariam a seguir? Tentariam assassinar mais alguém? Protegeriam seu tesouro? Esconder-se-iam nas sombras?*” Ele tinha muitas perguntas e nenhuma resposta.

– Deixe que fujam! – disse em voz alta. – Fracassaram em sua missão de resgate, nós os caçaremos e os encontraremos. Eles não fugirão

à Justiça divina! — E virou-se para o Grão-mestre. — Muito menos à justiça dos homens!

Assim que Jaques de Molay estivesse melhor, ele arrancaria seus segredos, nem que tivesse que cortá-lo em pedaços.

Estava sozinho na cela, então levantou a tocha e olhou novamente as paredes à sua volta. Lembrou-se da fuga dos cavaleiros do porto de La Rochelle, quando usaram o fogo azul que dizimou uma dezena de cavaleiros.

“Que segredos aqueles homens protegiam?”.

Guilherme de Nogaret pertencia a uma ordem recém-criada por ele e vários nobres poderosos, chamada Círculo Negro, por agir nas sombras da Corte, tinham o objetivo de assumir o poder na França. Para isso, tinham um objetivo: apoderar-se dos segredos dos Templários. Ele era o seu líder, havia feito um juramento e faria qualquer coisa para cumpri-lo.

Com os tesouros dos Templários, submeteria o rei Filipe às suas ordens e governaria a França. Depois, subjugaria o papa Clemente V ou o substituiria por outro, passando a influenciar em todas as decisões de Roma.

Quando tivesse conquistado estes dois objetivos, nada mais iria pará-lo, e então iniciaria a conquista da Europa.

Depois, do mundo.

Mosteiro Fist of God — Escócia ***Data atual***

A tempestade de neve assolava o mosteiro e se acumulava sobre as ameias, os telhados e o piso de pedra. As nuvens estavam baixas e o vento soprava forte para o norte, fazendo os flocos girarem como rolos de fumaça. O silêncio era absoluto, quebrado apenas por uma lanterna que rangia como um animal ferido e que ficava na torre norte, presa à parede por uma argola de metal enferrujada e desgastada.

Três vultos pequenos e encapuzados se esgueiravam pelo corredor do segundo andar da antiga construção, parando em cada pilar que alcançavam e olhando para trás para terem certeza de que não estavam sendo seguidos. Vestiam batinas de linho surradas com capas de lã de ovelha que usavam para se proteger do frio. Nos pés, pequenas botas de couro forradas com pelo de coelho.

Eles se esgueiraram até o muro de proteção do pátio.

— Acho que não foi uma boa ideia. Nós devíamos voltar, antes que alguém nos encontre — disse um deles, friccionando e bafejando as mãos para afastar o frio.

— Depardieu tem razão — concordou o outro. Não temos autorização para estar aqui. Se nos encontrarem, seremos punidos.

— Não sejam medrosos e fiquem calmos! Ninguém irá nos descobrir, e daqui a pouco vocês vão me dar razão.

Um dos meninos aproximou-se do parapeito e olhou para o átrio. Uma luz azulada iluminava o mosteiro, flocos de neve desciam arrastados por lufadas de vento, e o menino teve a certeza de seu pressentimento, de que havia magia naquele lugar. Uma magia que ele não podia ver, mas sentia que estava ali. Os olhos inocentes procuraram qualquer movimento, mas além dos flocos de neve dançando ao sabor do vento, nada se movia. Olhou para os lados e viu que todas as portas estavam fechadas.

Ele se abaixou.

– Eu sei que virão.

Olhou para uma das torres de vigia e viu que, dois olhos vermelhos surgiram momentaneamente na escuridão. O menino se arrepiou de pavor e puxou a capa do colega, cobrindo os olhos arregalados.

– Francisco, vamos voltar para o quarto! Este lugar me dá arrepios. Eu vi dois olhos vermelhos nas sombras. Por favor, vamos embora, sinto que não estamos sozinhos.

– Não seja medroso, Ivan, não há nada a temer. É apenas a sua imaginação. – Francisco disse com firmeza e segurou os braços dos amigos.

– Vai valer a pena, vocês vão ver!

– Isso se não congelarmos antes.

– Francisco levantou a cabeça e olhou novamente para o átrio. Uma camada branca começava a se acumular sobre o piso de pedra. A fonte de onde era retirada a água havia congelado. Ele olhou para as portas do oratório, do refeitório e da cozinha. Afora as lanternas acesas, que traziam alguma luminosidade e balançavam ao sabor do vento, nada se movia.

– Façam silêncio. Eles vão aparecer, eu sei.

As três crianças, de apenas oito anos, ficaram em vigília, tremendo de frio, esperando que a promessa de Francisco se realizasse.

– Eu vou congelar. - disse Depardieu.

– Shhhh, silêncio! Ouvi algo.

Francisco pegou um pouco de neve e colocou na boca, como havia aprendido com seu avô, para que a umidade quente de sua respiração, em contato com o ar frio, não se transformasse em vapor.

Então ele viu, próximo ao átrio, um monge saindo pelo corredor. Usava um hábito surrado, botas de couro e um manto escuro, feito de pele de carneiro. Ele trazia algo comprido preso à cintura.

Do outro lado do pátio surgiu outro monge, mais baixo e mais magro, vestindo trajes semelhantes, e trazendo também, algo comprido preso à cintura.

– Eles chegaram! Mastiguem um pouco de neve e venham ver, mas não façam barulho!

Os dois garotos fizeram o que Francisco havia dito.

Os monges se aproximaram até a distância de três metros.

– Parece que nosso público aumentou – disse o monge mais magro.

— É Francisco. Os outros dois devem ser Depardieu e Ivan, porque sempre estão juntos. Mas o pior deles é Francisco. Ele perturba a ordem do mosteiro com sua indisciplina.

— Gosto dele, tem iniciativa.

— Bah! Iniciativa para quebrar regras? Não vejo nada de bom nisso. Eles serão punidos ainda hoje.

— A punição não os fará mudar. São crianças, curiosos por natureza. Você nunca foi criança, irmão Bernard?

— Não me lembro dessa época — respondeu secamente. — Vim para cá com a mesma idade que eles, mas sempre respeitei regras. Eles precisam aprender ou não ficarão entre nós. Fé, disciplina e obediência. Sem estes três pilares, não haverá lugar para eles neste lugar.

O outro monge virou um pouco a cabeça para o lado e viu os três capuzes se abaixarem atrás do parapeito. No frio da madrugada congelante, os três meninos haviam desobedecido às ordens do rígido mosteiro para vê-los.

— Já que serão punidos, então vamos fazer valer a pena.

O monge mais alto colocou a mão no cabo da espada, desembainhou-a e o outro fez o mesmo sem dizer uma palavra. A espada do monge mais alto era velha, enferrujada e o cabo de empunhadura dupla era grosseiro, recoberto com couro de boi. A espada do outro monge reluzia na escuridão, a lâmina era afiada e o cabo tinha acabamentos em prata e uma cruz de ouro engastada na empunhadura. O monge beijou a cruz em um ato de reverência.

— Que Ele guie sua espada — disse o monge mais alto, sorrindo em tom jocoso.

— Não diga blasfêmia — repreendeu o monge mais velho.

Ambos fizeram um cumprimento colocando as espadas à frente, e então o combate começou. Os corpos dos monges pareciam dançar enquanto as espadas eram desferidas em golpes precisos de ataque e defesa. Muitas vezes saíam faíscas do choque das armas.

Os meninos olhavam a cena maravilhados, e o frio, como que por encanto, desapareceu.

— Ohhhh — disseram Depardieu e Ivan ao verem o monge menor se abaixar para esquivar da lâmina que passou a centímetros de sua cabeça.

— Eu vou torcer para Aquiles — disse Depardieu.

— Sua torcida será em vão — disse Francisco, que tinha visto várias vezes os monges lutarem nas madrugadas frias do inverno que estava

começando. — Apesar de Aquiles melhorar a cada dia, Bernard é imbatível.

A afirmação de Francisco mostrou-se verdadeira. Sempre que Aquiles atacava, o monge Bernard conseguia se esquivar, e, quando atacava, era mortal.

— Sua guarda está baixa demais! Sua cabeça está no chão.

Então eles voltavam às suas posições iniciais, e o combate recomeçava.

— Você se desconcentrou. Sua cabeça está no chão.

E recomeçavam.

— A guarda está alta demais. Sua cabeça está no chão.

— Você deixou o flanco direito desprotegido, acertei sua barriga, suas vísceras e sua cabeça estão no chão.

— Você deixou o flanco esquerdo desprotegido, acertei sua barriga, suas vísceras e sua cabeça estão no chão.

— Rápido demais. Sua cabeça está no chão.

— Lento demais. Sua cabeça está no chão.

— Melhorou, mas seu equilíbrio ainda não está bom. Eu cortei sua perna, você caiu e sua cabeça está no chão.

O combate durou mais de uma hora. Enfim, suados e exaustos, os monges guardaram suas espadas.

— Para quem começou há cinco anos, não está tão ruim. — explicou o monge Bernard— mas precisa melhorar, física e espiritualmente. Um combate com espadas não é somente força. Requer dois outros atributos: coração e mente. Se o seu oponente for mais forte, você tem que ser mais ágil. Se ele for mais ágil, você tem que ser mais inteligente. Se ele for mais inteligente, você tem que ser mais e conhecer seus pontos fracos.

— E se ele tiver todos esses atributos e não tiver pontos fracos?

O outro monge grunhiu.

— Não lute, a menos que queira morrer. Venha, por hoje acabou. O frio atingiu meus ossos velhos, e as orações vão começar em breve.

Aquiles olhou para onde os garotos estavam e viu que os pequenos capuzes ainda estavam lá.

— E quanto aos meninos?

Sem olhar para trás, o monge grunhiu.

— Castigo, sem sombra de dúvida.

— Por que, em vez de castigá-los, você também não os ensina?

— Eu recebi quinze castigos antes que meus irmãos percebessem que eu não ia parar de assistir aos treinamentos. Então o irmão Verne, que

Deus o tenha, me aceitou como seu aluno. Quinze castigos, Aquiles, e então um irmão irá testá-los para ver se poderão começar o treinamento.

– Você não disse que nunca quebrou uma regra?

O monge resmungou.

– Você pergunta demais, questiona demais. – E parou por um momento, abrindo os braços. – Neste lugar abençoado, quanto menos falarmos, mais próximos estaremos de Nosso Senhor.

Seguiram e pararam diante de uma porta de madeira. Bernard abriu-a com uma chave, eles entraram e deixaram suas espadas sobre uma mesa. Aquiles observou, sob a luz fraca que vinha da rua, a sala de armas do mosteiro. Havia longos arcos ingleses, arcos curvos mongóis, bestas, maçãs, espadas, espadins, floretes. No canto direito havia também duas armaduras de cavaleiros templários, uma bastante usada e com diversos amassados no peitoral, ombros e no elmo. A outra reluzia seu brilho sobre a tênue luz que vinha da porta aberta.

Os monges saíram da sala, e Bernard trancou a porta. Caminharam por um corredor de pedra, com algumas arandelas fixadas nas paredes, que davam um tom lúgubre, dobraram à direita, entrando numa capela com bancos de madeira escura e se ajoelharam diante do último banco. Havia vários monges de joelhos rezando em silêncio e na frente dos bancos havia um altar rústico de pedra, encimado por uma cruz de madeira.

Os monges ficaram em silêncio, rezando por quase uma hora.

Quando terminaram as orações, caminharam até o refeitório, que era um salão amplo, com dez mesas de carvalho dispostas em duas fileiras iguais. Ao fundo do salão, havia um forno onde estavam sendo assados pães de trigo, que eram retirados e colocados em cestas sobre um balcão. Ao lado das cestas havia salame defumado, grossas fatias de queijo, geleia de amora e mel. Alguns monges iam colocando bules de ferro esmaltado cheios de café, leite e chá. Canecas de metal estavam dispostas no início do balcão ao lado dos pratos.

Os monges fizeram uma fila, encabeçada pelo prior, e começaram a servir-se, começando pelos monges mais velhos. Aquiles e mais dois monges novos foram os últimos. Cada um pegava os alimentos que desejava e seu lugar à mesa. No meio da parede da direita havia uma grande lareira, onde o fogo crepitava forte, aquecendo o ambiente.

Todos, em pé nos seus respectivos lugares, aguardaram o prior fazer uma prece agradecendo o alimento e então começaram a comer.

Sempre em silêncio.

Após terminarem a refeição, os monges responsáveis pela limpeza da cozinha começaram a retirar os alimentos e levaram os pratos, talheres e canecas até um balcão, enquanto os demais seguiam cada um para o seu local de trabalho.

Havia, no mosteiro, vários locais de trabalho, chamados *domain*, os monges neófitos trabalhavam para aprender seu ofício, sempre sob a orientação de um monge responsável.

Havia o *domain* da forja, que fazia peças de ferro, como hastes para barris, baús e arandelas, utilizadas no mosteiro ou enviadas para serem vendidas em lojas de antiguidades na capital, Edimburgo.

Havia o *domain* da ferraria, que se localizava ao lado do *domain* da forja, onde eram fabricados ferraduras, cabrestos, pregos, grades e corrimões, além de ajudar o *domain* da forja sempre que necessário.

Havia o *domain* da carpintaria, que confeccionava bancos, mesas, cadeiras, camas, e consertavam qualquer estrutura de madeira que necessitasse de reparos no mosteiro, como as vigas, caibros, ripas e as cercas que delimitavam a sua área.

Havia o *domain* da tecelagem, onde eram feitos mantos, toalhas, travesseiros e cobertores recheados com penas de ganso. As mantas de linho que eram fabricadas pela tecelagem eram trocadas na pequena vila de Dunkeld, que tinha uma população de três mil habitantes e ficava a dez quilômetros para o oeste.

Havia o *domain* da olaria, que ficava ao lado do *domain* da ferraria e era responsável por fazer canecas, pratos e travessas de cerâmica. A argila era comprada na vila de Dunkeld.

A três quilômetros ao norte estava localizado o *domain* da pedreira, onde os monges trabalhavam retirando blocos de pedra, cortando-os e trazendo de carroça para o mosteiro, para a reforma da torre leste e a construção de um posto de observação no lado sul. Blocos de pedra também estavam sendo trazidos para a construção de uma ponte sobre um riacho, distante um quilômetro ao sul do mosteiro.

Fora do mosteiro havia outros *domains*, como o da estrebaria, onde os monges cuidavam dos cavalos, burros e das carroças que serviam para transportar os produtos produzidos no mosteiro e traziam outros que eram comprados.

Havia o *domain* das criações, que cuidavam dos pequenos rebanhos de carneiros e porcos, além dos viveiros de marrecos e gansos.

Havia o *domain* do apiário, onde os monges cultivavam junto a um bosque na estrada para Dunkeld, onde era produzido mel de ótima qualidade.

Havia o *domain* do herbário, com ervas para tempero e chás para curar os males que afligiam os monges, chamados *humores da alma*.

Por último, mas não menos importante, havia o *domain* da agricultura, que cultivava os legumes e as hortaliças servidas nas refeições.

Cada *domain* tinha um responsável, e cada ano era feito um rodízio para que todos conhecessem seu funcionamento e estivessem prontos a assumir a liderança caso fosse necessário.

Após realizar suas tarefas, dependendo do funcionamento do *domain* em que trabalhava, cada monge estudava com afinco as sete ciências da antiguidade: gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, música e astronomia. O período desse estudo era de três anos. Tendo concluído esse tempo, o Conselho do Mosteiro decidia, a partir das avaliações, em qual delas o iniciado deveria se aperfeiçoar.

Aquiles já havia cumprido esse período, e o Conselho decidiu que sua área de atuação seria a Lógica. Por isso, após terminar o serviço no *domain* da forja, ele ia até a biblioteca e os três mestres que guardavam os antigos livros sobre este assunto transmitiam seus conhecimentos a ele. Os estudos eram rigorosos. Iniciavam-se após o almoço e terminavam antes das 'Vésperas' - entoadas ao anoitecer, na liturgia das horas. Depois era servido o jantar. Mais tarde, eram recitadas as 'Completas', ou orações da noite, com as quais encerravam o dia de oração e trabalho.

A biblioteca era rica em literatura medieval, mas também tinha papiros egípcios, persas e babilônicos. Havia documentos com textos de pensadores gregos dos quais Aquiles nunca tinha ouvido falar, com tratados sobre lógica, que muitas vezes faziam contrapontos com o *Organon* de Aristóteles, e livros que, segundo havia sido relatado por um dos mestres, tinham sido encontrados numa caverna debaixo das ruínas do Templo de Salomão durante as Cruzadas. Entre eles, tratados de Avicena e Averroes, filósofos do islamismo que difundiram os pensamentos lógicos de Aristóteles e Platão.

Tendo concluído seus estudos, Aquiles foi chamado pelo prior, o monge Picard. O rapaz caminhou pelos corredores do mosteiro sem pressa, mas curioso pelo chamado repentino, subiu as escadas e bateu à porta.

— Entre, irmão Aquiles.

O gabinete era grande, iluminado por lampiões com vidros hexagonais nas paredes e por uma lareira onde o fogo crepitava forte. No centro, havia um vitral azul que mostrava um anjo vestido com uma armadura e uma espada na cintura, com um dos joelhos no chão e as mãos fechadas em sinal de devoção. À sua frente, vestindo uma túnica amarela, estava a virgem Maria, segurando um cálice rústico de cerâmica. A imagem era muito bonita, parecendo a Aquiles que os dois pudessem mover-se a qualquer momento.

O prior estava sentado em sua cadeira, analisando as correspondências que haviam chegado.

Junto à lareira, havia um homem alto contemplando a dança das chamas. Ele vestia uma túnica negra, e Aquiles percebeu que ele não era um monge pertencente ao mosteiro.

— O senhor mandou me chamar?

— Sim. Sente-se, por favor.

Ele obedeceu.

— Irmão Aquiles, faz cinco anos que você chegou a este lugar. Nós cuidamos de seus ferimentos físicos e dos ferimentos de sua alma, para que ela pudesse ter paz diante de objetivos que acreditamos que você pode realizar. Naquela época, havia muitos sentimentos nocivos em seu coração, como a raiva, a angústia e o medo. Nossos neófitos sempre são crianças, porque acreditamos que, num adulto, tais sentimentos são difíceis de retirar. Para nossa Ordem, a pureza de coração é uma premissa básica, para que um dia o neófito possa tornar-se um de nós. Como sabe, neste mosteiro, recebemos crianças de sete a dez anos. Acima desta idade, estão velhas demais para receberem nosso aprendizado. Portanto, você é o único que quebrou esta regra. Você é o aprendiz mais velho que já chegou a este mosteiro, e devo admitir que relutei em recebê-lo, mas também devo reconhecer que você me surpreendeu com sua paciência e obediência. E isso com certeza é um reflexo da educação que recebeu na infância pelo conceituado colégio de Provence, na França, onde tenho grandes amigos.

O prior parou de falar e observou a reação de Aquiles, que permaneceu em silêncio, aguardando o verdadeiro motivo de ter sido chamado.

— O aprendizado inicial terminou — prosseguiu o Prior. — Sua conduta foi aprovada e agora tem duas escolhas. Se optar pela primeira, fará um juramento de silêncio sobre tudo o que conheceu, pessoas com quem conversou e, é claro, permanecerá neste mosteiro como um monge,

e seu treinamento com armas será encerrado. A segunda escolha será prosseguir com seu treinamento, e se optar por este caminho, um irmão será designado para continuar seus ensinamentos. Quando terminá-lo, poderá ou não ingressar na Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo. Devo salientar que esta escolha só foi possível pela sua conduta durante os cinco anos que esteve conosco, e ressalto que este ensinamento não é a clássica jornada do herói que se vê nos filmes de Hollywood. Não haverá margem para recusa ou desobediência, está claro?

— Sim, senhor.

O Prior achou que Aquiles diria mais alguma coisa, mas ele continuou em silêncio, e o único som que se ouvia era o crepitar da lenha queimando na lareira.

O Prior tinha razão. O mosteiro havia-o transformado. Era o mesmo homem, apesar de mais forte devido aos serviços braçais e treinos diários, mas a grande transformação estava em sua mente. Aquiles passara a compreender o mundo de outra forma, aprendera a valorizar e respeitar as tarefas simples, a importância do trabalho de todos que faziam o mosteiro funcionar como uma engrenagem lubrificada, a disciplina na formação do caráter humano. Os assuntos filosóficos que discutia com os mestres fascinaram-no.

Mas o prior tinha dúvidas se não havia mais nada do homem que há cinco anos havia chegado ao mosteiro.

— Eu gostaria de agradecer. Acredito ter encontrado meu verdadeiro caminho e pretendo continuar o meu aprendizado.

O prior não sorriu, apenas balançou a cabeça positivamente, porque já esperava aquela resposta.

— Irmão Aquiles, a partir de hoje, um novo guia irá mostrar-lhe novos ensinamentos por caminhos que ainda não percorreu, mas que serão fundamentais. Novas atividades lhe serão comunicadas, e a supervisão ficará a cargo do irmão Sean.

Aquiles conhecia todos os monges do mosteiro e nenhum se chamava Sean.

Nesse momento, o homem que contemplava as chamas virou-se.

— Eu sou o irmão Sean. — Apresentou-se e caminhou para Aquiles com passos lentos e firmes enquanto sua voz forte ecoava pela sala.

O monge tinha a mesma estatura de Aquiles, cabelos longos até os ombros e barba cobrindo seu rosto, ambos começando a ficar grisalhos. A expressão séria, os olhos castanhos frios e o forte aperto com a mão

direita, dura como uma rocha, não deixavam dúvida. Aquele homem era muito mais do que um monge.

– Ele irá ensiná-lo sobre novos assuntos, e sugiro que aproveite ao máximo este período.

O monge olhou para o novo discípulo.

– Acredito que deva ter muitas perguntas.

– Sim, eu tenho.

– Teremos muito tempo para conversar, mas não agora. Começaremos amanhã, na cripta, às cinco horas.

– Está bem, irmão Sean.

– Agora deve deixar-nos, irmão Aquiles — ordenou o Prior.

Assim que Aquiles deixou a sala, o Prior voltou-se para o monge à sua frente.

– Eu solicitei que preparassem um quarto.

– O irmão Vincent já me informou, obrigado.

– Pretende ficar muito tempo?

– Se me permitir, ficarei o tempo necessário para completar o treinamento de Aquiles.

– Sabe que não é necessário ter minha permissão.

– Mesmo assim gostaria de tê-la.

– Pode ficar o tempo que desejar — disse o Prior suspirando. — Sua presença é sempre bem-vinda.

– Obrigado.

– Devo presumir, então, que as coisas lá fora estejam mais calmas?

– Sim. Você devia deixar um pouco o mosteiro. Sempre será bem-vindo para visitar nossas fortalezas.

– Agradeço o convite, mas meu lugar é aqui, cuidando da tarefa de que fui incumbido.

– Irmão Picard, sabe que nós também somos seus irmãos.

O Prior sorriu levemente.

– Irmão Sean, eu sei que, numa possível visita a uma fortaleza, serei bem-vindo, mas, no momento, minha presença aqui é mais importante. Eu preciso cuidar de um grupo de crianças que chegou recentemente, e há muitas obrigações no mosteiro, obrigações que cabem a mim resolver.

– Eu compreendo.

O Prior retirou de uma gaveta uma pasta de couro surrada.

– Este é o histórico de Aquiles, desde que chegou ao mosteiro.

– Um pouco volumoso para um *neofitus*.

— Os dois primeiros anos foram os mais difíceis. Havia muita raiva em seu coração, chegou a fugir uma vez, e foi castigado por isso. Também apresentou problemas de disciplina, que foram corrigidos ao longo do tempo, mas o mais importante era...

— A falta de fé — completou Sean.

— Você sabe mais do que ninguém o que significa este local. Há séculos, formamos monges e cavaleiros para sua Ordem, iniciando o treinamento quando ainda são crianças, porque é necessário um longo caminho, para determinar quais poderão tornar-se monges guerreiros para a Ordem que você representa. — Respirou fundo, como se procurasse, no ar frio que entrou em seus pulmões, a inspiração para continuar. — Aquiles possui a alma de um guerreiro, irmão Sean. Se é somente isso que procura, ele está apto, sem a menor sombra de dúvida. Mas se procura um monge guerreiro, ele tem um longo caminho a percorrer, e temo que não haja tempo para isso.

O prior juntou as mãos sobre a mesa e concluiu seu raciocínio sem emoção na voz.

— Aquiles não tem mais a idade para ensinarmos tudo que ele precisa saber.

— Este é o seu veredito?

— Ele pode ficar no mosteiro e morrer aqui, ensinando as crianças, tarefa que realiza com certa habilidade, pode ficar trabalhando nos *domains*, posso até fazer vista grossa e permitir que continue a treinar com espada nas madrugadas frias com o irmão Bernard, pode estudar lógica, retórica, e quem sabe, até mesmo conhecer os segredos da primeira câmara, mas deve desistir da ideia de torná-lo um cavaleiro. Ele nunca conseguirá atingir o conhecimento necessário.

O irmão Sean absorveu cada palavra dita pelo prior, e então argumentou.

— Irmão Picard, sei que uma regra foi quebrada quando Aquiles foi enviado para cá, e o favor que fez em aceitá-lo não será esquecido. Você sabe o verdadeiro motivo de Aquiles ter sido enviado para este lugar, e acredito que precisamos dar-lhe uma oportunidade. Não é isso que Ele deseja que nós façamos? Não são esses os votos que juramos, que todos tenham uma chance para redenção? Você tem razão, suas habilidades como guerreiro já foram comprovadas, o que precisamos é moldar suas habilidades na fé, como foi feito conosco.

O prior voltou a insistir.

— Éramos crianças quando chegamos aqui, irmão Sean. Não se pode corrigir o tronco de uma árvore torta.

— Foi por isso que eu vim. Para determinar se ele poderá tornar-se um de nós e receber o *Conhecimento Sagrado*.

O prior o encarou com um semblante pesado.

— E se ele não for aprovado?

— Se Aquiles não se tornar um de nós, sua vida terminará em breve.

O Prior respirou fundo.

— Fico mais aliviado com esta decisão, mesmo que não agrade seu provável desfecho.

— Não podemos colocar nossa segurança em risco.

— Sim — concluiu o Prior. — Muito menos o segredo que se encontra em nosso poder.

Se você chegou até aqui, é porque gostou desta história, que levou 3 anos para ser concluída, baseada nos cavaleiros templários, pesquisas avançadas sobre nanotecnologia e história militar. E claro, muita pesquisa e dedicação.

Para ter essa cativante aventura completa em seu Kindle ou em sua estante, você poderá escolher os sites abaixo:

Amazon - Versão digital e impressa - <https://amzn.to/3kDSUyI>

Americanas - Versão impressa

Submarino - Versão impressa

Shoptime - Versão impressa

Magazine Luiza - Versão impressa

Se preferir um livro autografado, entre em contato direto pelo meu perfil do Instagram, **escritor_alex_bitten**

Eu terei o maior prazer em enviá-lo autografado.

Alex Bitten

www.alexbitten.com.br



